

Uso terapêutico da *Cannabis* divide opiniões

Regras para a produção de medicamentos estão em debate no Congresso e na Anvisa. Diante da falta de regulamentação, pacientes recorrem a ações judiciais e a remédios importados

Ricardo Westin

OS REMÉDIOS À base de *Cannabis* voltaram ao centro dos debates no país. Senadores acabam de aceitar uma sugestão, apresentada por uma ONG, que libera o cultivo da planta exclusivamente para a produção de medicamentos e a realização de pesquisas científicas. Com isso, a sugestão virou projeto de lei (PL 5.295/2019) e agora será votada pelas comissões do Senado.

Na Câmara, os deputados criaram uma comissão para discutir a entrada de medicamentos à base de *Cannabis* nas farmácias. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) está prestes a votar resoluções que regulamentam o plantio por empresas farmacêuticas e o registro dos remédios.

Nenhuma das propostas permite o uso recreativo da maconha ou o plantio individual da *Cannabis*, práticas que a lei enquadra como crimes.

Mesmo não tratando da droga narcótica, a regulamentação da *Cannabis* medicinal é um tema controverso. Os defensores dizem que já há evidências suficientes a respeito da segurança dos remédios e que os doentes não podem mais esperar. Os críticos se dividem entre os que afirmam que os estudos sobre a segurança não são conclusivos e os que creem que a disseminação dos remédios seria o primeiro passo para a legalização da maconha.

Apoiadora da liberação dos medicamentos, a senadora Mara Gabrielli (PSDB-SP) cita seu próprio exemplo. Ela, que é tetraplégica, faz uso de um remédio à base de *Cannabis* para amenizar dores, impedir contrações musculares involuntárias e evitar convulsões.

— Alguém já me viu alu-

cinando em algum canto do Congresso? Precisamos de mais amor e menos preconceito. E não falo só por mim. Nós não podemos bater a porta na cara da sociedade. Não temos o direito de manter a dor de tantos brasileiros.

O senador Eduardo Girão (Podemos-CE) critica:

— A dita maconha medicinal é uma falácia que querem incutir na cabeça dos brasileiros, objetivando reduzir a percepção de risco dessa droga. A liberação do plantio poderá significar uma porta aberta para o mercado bilionário da maconha recreativa.

Não há proibição aos remédios de *Cannabis*. Em 2017, a Anvisa liberou a venda do primeiro — e único — medicamento do tipo no país, o Mevatyl, contra os espasmos da esclerose múltipla. O que está proibido é o plantio e o processamento no território nacional. Isso deixa de mãos atadas a indústria farmacêutica e os cientistas. O Mevatyl vendido nas farmácias do Brasil é importado da Inglaterra. No exterior, há inúmeros remédios.

Demanda crescente

Diante das restrições, aos pacientes com prescrição médica restam alternativas ilegais, desgastantes, burocráticas ou caras. Alguns recorrem ao tráfico para obter sementes, plantar a *Cannabis* de forma clandestina e extrair o concentrado medicinal. Outros pedem habeas corpus preventivo aos tribunais para cultivar a planta sem incorrer em crime. Alguns solicitam à Anvisa autorização para importar medicamentos liberados em outros países. Outros pedem à Justiça que obrigue a rede pública de saúde a fornecer-lhes gratuitamente esses remédios estrangeiros.

Em 2016, a Anvisa concedeu

450 permissões de importação. Em 2018, saltaram para 2.350. O gasto do Ministério da Saúde para cumprir ações judiciais que determinam a entrega desses medicamentos subiu de R\$ 280 mil em 2017 para R\$ 620 mil em 2018.

A ONG Abrace Esperança, da Paraíba, que conta com autorização judicial para plantar *Cannabis* e vender os remédios a preço de custo, tem uma lista com mais de cem médicos de todo o país que prescrevem esse tipo de tratamento.

Certos princípios ativos da *Cannabis* são capazes de amenizar dores musculares crônicas e inflamações resistentes aos medicamentos convencionais. Em pacientes que passam por quimioterapia, ajudam a controlar as náuseas e os vômitos. Em doentes de aids que perderam muito peso, auxiliam no aumento do apetite. Crianças que sofriam múltiplas convulsões diárias passaram a ter crises muito esparsas depois de iniciarem o tratamento com *Cannabis*.

A médica Carolina Nocetti, que é integrante do Laboratório de Estudos da Dor, da Unicamp, afirma:

— Os estudos científicos e a prática médica mostram que os canabinoides são seguros. Podem provocar efeitos colaterais, claro, como todo medicamento, mas muito leves, como fome e boca seca. Não matam nem causam dependência, ao contrário do que pode acontecer com os analgésicos opioides.

Os remédios vêm na forma de cápsula, óleo, pomada, vapor, spray nasal e gota sublingual. Cada medicamento tem formulação própria, com os princípios ativos em concentrações variadas, conforme a doença.

A maior parte dos tratamen-

A *Cannabis* como remédio

A planta contém substâncias químicas capazes de tratar de uma grande variedade de doenças



Entre essas substâncias, genericamente chamadas de canabinoides, as mais utilizadas são o **CBD** e o **THC**

Os medicamentos não são capazes de curar as doenças propriamente ditas, mas sim de minimizar ou até eliminar certos sintomas e, dessa forma, melhorar a qualidade de vida do paciente

- Diminui dor
- Reduz inflamação
- Controla convulsões epiléticas
- Trata doenças mentais

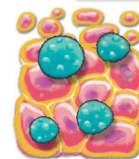


- Diminui dor
- Reduz inflamação
- Ameniza náuseas
- Aumenta apetite
- Favorece controle muscular



Alguns casos que vêm sendo tratados com remédios à base de *Cannabis*:

- Alzheimer
- Autismo
- Depressão
- Doença inflamatória intestinal
- Dores crônicas
- Epilepsia
- Esclerose lateral amiotrófica (ELA)
- Esclerose múltipla
- Parkinson
- Transtorno de ansiedade



Estudos feitos por ora apenas em animais mostram que o tratamento com CBD e THC ajuda a conter o avanço de certas células cancerosas

Fontes: NIH e Mayo Clinic

tos não altera nos doentes a percepção da realidade, como faz o cigarro de maconha. Em alguns remédios, porém, o objetivo é justamente esse, como aqueles prescritos para aliviar a dor dos pacientes em estado terminal.

O médico Ricardo Ferreira, especialista em dor, lembra que a produção de remédios com *Cannabis* já foi regulamentada em países como Canadá, Holanda e Israel:

— Será que esses países não estão comprometidos com a saúde da população? São coniventes com o tráfico de drogas? É claro que não. Não é justo que pacientes brasileiros não tenham acesso ao tratamento adequado só por causa do estigma que a *Cannabis* carrega.

Pesquisa de opinião

Uma pesquisa feita em junho pelo DataSenado sugeriu que a religião afeta a forma como as pessoas encaram a *Cannabis* medicinal. Da população brasileira como um todo, 79% apoiam a distribuição desses remédios na rede pública e 75% se dizem favoráveis à fabricação deles no país. Quando se consideram apenas os evangélicos, os números caem para 70% e 67% respectivamente.

O presidente Jair Bolsonaro

e os ministros da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, e da Cidadania, Osmar Terra, disseram que são contrários à liberação do cultivo de *Cannabis* com fins medicinais e científicos. O Conselho Federal de Medicina (CFM) tem uma resolução que autoriza os médicos a prescrever *Cannabis* terapêutica só para crianças e adolescentes com epilepsia refratária.

— Faltam evidências científicas que comprovem a segurança e a eficácia dos canabinoides. Torcemos que apareçam — argumenta o médico Leonardo Sérgio Luz, conselheiro do CFM.

Girão apresentou um projeto que inclui na rede pública remédios à base de CBD, um dos princípios ativos da *Cannabis*, e só conforme o protocolo reconhecido pelo CFM (PL 5.158/2019). Mara critica o texto, por considerá-lo restritivo demais. Segundo ela, isso dificultaria a prescrição de THC, outro princípio ativo terapêutico.

Saiba Mais

Pesquisa de opinião DataSenado sobre *Cannabis* medicinal: <http://bit.ly/pesquisaCannabis>

Veja todas as edições do Especial Cidadania em www.senado.leg.br/especialcidadania



Pais de crianças com doenças refratárias a medicamentos convencionais pedem regulamentação da *Cannabis* medicinal